



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**

**O CONTEXTO SOCIAL ENCONTRADO POR JESUS
NO EVANGELHO DE MATEUS**

JAILSON DE OLIVEIRA VENANCIO

BELÉM – PARÁ
2010



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**

**O CONTEXTO SOCIAL ENCONTRADO POR JESUS
NO EVANGELHO DE MATEUS**

JAILSON DE OLIVEIRA VENANCIO

Monografia apresentada em cumprimento às exigências do Curso de Bacharelado em Teologia, pela Faculdade Teológica Batista Equatorial – FATEBE.

Orientador: Prof. José Carlos de L. Costa

BELÉM – PARÁ
2010

VENANCIO, Jailson de Oliveira

**O CONTEXTO SOCIAL ENCONTRADO POR JESUS
NO EVANGELHO DE MATEUS**

Jailson de Oliveira Venancio: Edição independente, 2010. 41p.

Monografia (Bacharelado em Teologia) – Faculdade Batista
Equatorial – FATEBE

1. Contexto Histórico 2. Introdução a Mateus 3. Classes Sociais I.
Título

CDD 225.1

NOMINATA

MANTENEDOR DA FATEBE
Seminário Teológico Batista Equatorial

Diretor Geral
Dr. D. B. Riker, Ph. D.

A FATEBE

Diretor Geral
Dr. D. B. Riker, Ph. D.

Diretor Acadêmico
Prof. Dr. Manoel Ribeiro de Moraes Junior

Diretor Administrativo Financeiro
Pr. Antônio Ronaldo Fermiano de Souza

Secretaria e Gestora Acadêmica
Prof^ª. Esp. Gabriela Nunes Campos

Coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação / Coordenador de TCC
Prof. Dr. Douglas Rodrigues da Conceição

Coordenador Acadêmico (Teologia)
Prof. Dr. Manoel Ribeiro de Moraes Junior

Composição do Texto
Jailson de Oliveira Venancio

JAILSON DE OLIVEIRA VENANCIO

**O CONTEXTO SOCIAL ENCONTRADO POR JESUS
NO EVANGELHO DE MATEUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para obtenção de grau de Bacharelado em Teologia pela FATEBE – Faculdade Teológica Batista Equatorial/ orientado pelo Prof. José Carlos de L. Costa.

Banca Examinadora:

1. _____
José Carlos de L. Costa – Professor - Orientador

2. _____
– Prof. Avaliador

3. _____
– Prof. Avaliador

Aprovado em: ____/____/____

Conceito: _____

*A Vânia Lúcia, minha esposa, que ao longo destes anos
muito têm me ajudado dando força nesta caminhada;*

*Aos meus filhos André Filipe e Ana Gabrieli, frutos de um
verdadeiro amor;*

*Meus Pais Francisco Venâncio (em memória) e Alaíde Venâncio, que me
instruíram a andar no Caminho.*

AGRADECIMENTOS

*Ao corpo docente da FATEBE, em especial ao meu orientador,
Prof. José Carlos, que de forma muito direta muito me ajudou nessa empreitada;
E a todos os que de forma direta e indiretamente contribuíram na
elaboração deste trabalho.*

RESUMO

Interpretar o Novo Testamento fora do seu contexto social, político e religioso, é uma prática por demais errônea. Para se ter uma compreensão mais precisa dos livros bíblicos, é necessário estar a par do que chamamos “pano-de-fundo”. Neste trabalho o autor procurará descrever, com base em leituras de diversas obras literárias: como eram divididas as classes sociais, quem fazia parte da classe pobre? Quem eram os membros da classe rica? De que seus habitantes viviam? Quais seus costumes? Qual o papel da mulher? Como se comportavam? Quais os seus costumes? Apesar de não ser o objetivo principal deste trabalho, se fará, de vez em quando, menção à política administrativa de quem estava no poder, a fim de clarear alguns pontos obscuros dentro do aspecto social. Não podemos Interpretar a Bíblia apenas tendo uma visão religiosa. Não podemos esquecer todo o contexto em que os personagens viveram; seus problemas do dia a dia, a sociedade em que estavam inseridos. Após entendermos a sociedade da época em que Jesus viveu, muitos trechos da Bíblia se tornarão mais acessível, fácil de compreendermos. Assim estaremos mais aptos a aplicar a verdadeira mensagem aos nossos contemporâneos.

Palavras-Chave: Contexto Social, Família, Mulher, Escravo, Classes Sociais

ABSTRACT

Interpreting the New Testament outside of their social, political and religious, is wrong too. To get a more precise understanding, you must be aware of what we call "rags-to-bottom." In this work the authors seek to describe the basis of readings of various literary works, how were divided social classes, who were part of the poor? Who were the members of the rich class, that its people lived, what their customs, the role of women, as its inhabitants lived, how they behaved, what their customs. Although not the author's main objective in this work, you occasionally making reference to the administrative policy of those in power in order to clarify some obscure points in the social aspect. We can not interpret the Bible just having a religious vision. We can not forget the entire context in which the characters lived, their problems of everyday life, society in which they were entered. After we understand the society of the time in which Jesus lived, many parts of the Bible will become more accessible, easy to understand. So we are more likely to implement the true message to our contemporaries.

Key- Words: Social Context, Social Classes, Family, Slave, Women

SUMÁRIO

ELEMENTOS PRE-TEXTUAIS.....	10
1. INTRODUÇÃO.....	11
2. UM POUCO DE HISTÓRIA.....	12
2.1 IMPÉRIO PERSA - (538-331 A.C).....	12
2.2 IMPÉRIO GREGO - (331-167 A.C).....	13
2.3 GOVERNO DOS PTOLOMEUS LAGUS - (321-198 A.C)	15
2.4 GOVERNO DOS SELÊUCIDAS - (198-167 A.C).....	15
2.5 GOVERNO DOS MACABEUS - (167-63 A.C).....	16
2.6 IMPÉRIO ROMANO - (63- 135 D.C).....	17
2.7 ESTRUTURA DA SOCIEDADE ROMANA.....	18
2.8 ASPECTO MORAL DOS GRECO-ROMANOS	20
2.9 ESCRAVOS ROMANOS	21
3. INTRODUÇÃO AO LIVRO MATEUS	23
3.1 AUTOR	23
3.2 DATA.....	25
3.3 FONTE.....	25
3.4 ESTRUTURA.....	26
3.5 PROPÓSITO.....	27
3.6 DESTINATÁRIOS	27
4. CLASSES SOCIAIS.....	29
4.1 ESTRUTURA DA SOCIEDADE JUDAICA	29
4.2 ASPECTO ECONÔMICO	30
4.3 RICOS E POBRES	32
4.3.1 Escravos Judeus	32
4.3.2 Os Ricos	32
4.3.3 Os Pobres	33
4.4 FAMÍLIA.....	34
4.4.1 Família Judaica	34
4.4.2 Mulher	38
4.4.3 Filhos.....	38
5. CONCLUSÃO	40
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1 INTRODUÇÃO

Muito se tem pregado no Novo Testamento, tentando aplicar sua mensagem sem levar em consideração o que realmente o texto quis dizer aos seus primeiros ouvintes. Este autor acredita que para se entender a mensagem do Novo Testamento é necessário, primeiramente, compreender o seu contexto histórico, o seu contexto político e o seu contexto social. Com isso, o mensageiro será capaz de entender um povo, através de seus costumes, suas crenças, suas literaturas, suas diferenças sociais, etc. Quanto a isso, precisa-se compreender, não somente o fato do ser rico ou pobre, mas, sobretudo, outros aspectos, como sexo, etnia, a posição da mulher, a situação dos escravos, e outros referentes ao aspecto político e religioso, os quais serão tratados no presente trabalho. Somente com esses dados em mãos, o pregador será capaz de aplicar com veemência a mensagem de Cristo Jesus à vida de seus ouvintes. Os escritos do Novo Testamento são textos da palavra de Deus, que continuam vivos em nossos dias atuais, porém, antes que fossem dirigidos a nós, eles foram escritos visando um povo específico, com problemas específicos e com propósitos definidos. Ou seja, é preciso primeiramente compreender o que estas palavras quiseram dizer em seu tempo e espaço, a fim de se empregar de forma correta para os dias contemporâneos. Neste trabalho o autor pretende esclarecer alguns aspectos do contexto social, a fim de se ter uma melhor compreensão da mensagem contida no Novo Testamento. Nosso trabalho será dividido em três partes, onde primariamente faremos uma abordagem histórica do período que antecedeu o nascimento de Jesus Cristo. Onde no primeiro capítulo escreveremos acerca do Império Persa, seus hábitos e costumes, da mesma forma falaremos também acerca do Império Grego e sua divisão após a morte de Alexandre, o grande. Dentro desse mesmo capítulo também falaremos a respeito da sociedade romana. No capítulo seguinte faremos uma introdução ao Evangelho de Mateus, escrevendo sobre seu autor, data provável de sua escrita, estrutura, propósitos e destinatário. Na parte final do trabalho, escreveremos acerca das classes sociais, estrutura da sociedade judaica, aspectos econômicos, ricos, pobres, escravos judeus. Encerrando, falaremos a respeito da família judaica, como a mulher era vista e filhos.

2 UM POUCO DE HISTÓRIA.

A fim de chegarmos ao nosso objetivo principal, que é compreender o contexto social dos judeus da época de Jesus, se faz necessário conhecer primariamente o cenário histórico em que o novo testamento estava inserido. Quatrocentos anos se passara entre o Velho e o Novo Testamento. Para se compreender o aspecto social, é importante compreendermos a história ocorrida entres os dois testamentos. Para isso, lançaremos mão do fundo histórico, e isso implica conhecer também os aspectos político e até mesmo religioso desse contexto.

O Velho Testamento finaliza com a nação israelita sendo dominada pelos Persas. No Novo Testamento já vamos ter uma Palestina sendo governada pelo Império Romano.

É nesse cenário cheio de conturbações que vamos encontrar Cristo. Por esse motivo é que há uma importância histórica muito grande neste intervalo de 400 anos, denominado de período interbíblico, conhecido também como 400 anos de silêncio, em que não houve manifestação profética, ou pelo menos, não houve nenhum escrito que tenha sido considerado canônico. Pois é neste período que vamos descrever a situação da Palestina, principalmente no que se referem aos seus impérios, governadores, seus vizinhos e suas possíveis implicações sociais as quais influenciaram.

2.1 IMPÉRIO PERSA - (538-331 A.C)

A Babilônia foi tomada por Ciro. Uma de suas políticas era manter as autoridades governamentais em suas posições, isto se pode ver em Daniel 6.1, como também,

permitir o povo que outrora tenha sido levado a cativo pelos babilônios a regressarem as suas terras de origens. Keller¹ descreve quanto à liberdade que os judeus tinham nesse contexto:

É bem verdade que se encontravam moedas correspondentes ao século IV a.C. Essas moedas ostentam a orgulhosa inscrição *Yehud*, isto é, Judá. Evidentemente, os persas concederam ao sumo sacerdote o direito de cunhar moedas de prata.

Hale² escreve:

Durante todo o período persa, os judeus foram excepcionais em sua lealdade ao rei persa. Isto pode ter ocorrido porque havia mais judeus na Babilônia do que na Palestina. Somente cerca de 50.000 judeus haviam voltado à sua terra natal durante esses duzentos anos. Muitos dos judeus tinham altas posições de autoridades e alguns desfrutavam de grande riqueza. Mesmo uma judia tornou-se esposa do rei (Est. 2). Esses judeus que estavam na Babilônia, exerceram uma influencia muito grande sobre seus patrícios na Palestina, através de seus poderes políticos e suas contribuições financeiras.

A Bíblia de Jerusalém³ apresenta em seu comentário, a liberdade e até mesmo apoio que os judeus recebiam dos Persas para praticarem suas liturgias religiosas:

Os reis da Pérsia foram em geral muito liberais para com os cultos dos templos conquistados, que eles restauravam e sustentavam com seu apoio, mantendo seu controle. Sua política religiosa com relação ao judaísmo inspirou-se nos mesmos princípios.

2.2 IMPÉRIO GREGO - (331-167 A.C)

O poder de um rei chamado Felipe II crescia cada vez mais paralelamente ao império persa, Filipe era rei da Macedônia. Com objetivo de expandir cada vez mais o seu domínio, logo entrou em conflito com os persas. Entretanto morreu antes da conquista. Seu

¹ KELLER, Werler. **E a Bíblia Tinha Razão** – São Paulo: Melhoramentos, 24 ed, 2005, p.330

² HALE, Broadus David. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento** – São Paulo: Hagnos, 1997, p.11

³ Bíblia de Jerusalém, - São Paulo: Paulus, 1985, Esdras 1

filho Alexandre Magno, conhecido como Alexandre, o Grande, foi seu sucessor. O texto de Macabeus⁴ destaca:

Depois que Alexandre, filho de Filipe, macedônio saído da terra de Cetim, venceu Dário, rei dos persas e dos medos, tornou-se rei em seu lugar, começando pela Hélade.

A história mostra Alexandre como um homem habilidoso, aluno de Aristóteles⁵. Em 331 a.C, Alexandre derrota o exercito persa. Agora, o território de Israel, que estava sob o domínio dos persas, passa a pertencer aos gregos. Alexandre morreu em 323 a.C. Todavia apesar de tão pouco tempo imperando, não há dúvida quanto a grande influencia que deixou marcada. Hale⁶ destaca:

Ele é responsável pela fusão do Ocidente com o Oriente. Derrubando a parede que estava entre o Oriente e o Ocidente, ele foi capaz de abrir as portas do comércio. Através da propagação do idioma grego, a língua franca, o mundo capacitou-se para a comunicação. A cultura grega quebrou as barreiras raciais, sociais e nacionais. A miscigenação das raças estimulou um espírito de cosmopolitanismo, um sincretismo religioso e um interesse no individuo.

Keller⁷ também destaca em sua obra:

Ele concedeu aos judeus – descendentes de fugitivos da época babilônica – os mesmos direitos que tinha seus compatriotas! Essa disposição, confirmada pelos sucessores do grande macedônio, fez com que Alexandria viesse a se tornar um dos pontos importantes de concentração do judaísmo.

A fim de trazer claridade ao pensamento Alexandrino, vale a pena destacar sua filosofia política. Para isso, lançaremos mão da obra de um homem, tido como um dos grandes filósofos que esse mundo já teve, que influenciou muito Alexandre na forma de governo. Ao perguntarem a Aristóteles, o que é um cidadão?, em sua obra conhecida como a *Política*⁸, assim ele descreve:

Quanto a pergunta o que é um cidadão, Aristóteles procede por eliminação de critérios. A residência no território é critério insuficiente porque estrangeiros e escravos também a podem possuir. O direito de processar e ser

⁴ Bíblia de Jerusalém. Op. Cit. I Macabeus 1.1

⁵ ARISTÓTELES. **Política** – São Paulo: Martin Claret, 2007, p.11

⁶ HALE , Broadus David. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento** – São Paulo: Hagnos, 1997, p.12

⁷ KELLER, Werler. **E a Bíblia Tinha Razão** – São Paulo: Melhoramentos, 24 ed, 2005, p.338

⁸ ARISTÓTELES. **Política** – São Paulo: Martin Claret, 2007, p.19

processado judicialmente é insuficiente; pode ser assegurado a estrangeiro mediante tratado. A descendência materna ou paterna também não basta; coloca um problema de *regressus ad infinitum*; e os fundadores da cidade acabariam por não se enquadrar no critério. Assim, cidadão é, verdadeiramente, o que participa na vida política, através de funções deliberativas ou judiciais.

Depois de compreendermos o conceito que Aristóteles tinha quanto ao que é ser cidadão, fica melhor o entendimento do pensamento de Alexandre, em querer dar aos seus conquistados os mesmos direitos que tinham seus compatriotas.

Após a morte de Alexandre, o império grego foi dividido entre os seus seis generais. Neste trabalho, nos deteremos a falar apenas a respeito de dois deles, pois diz respeito aos judeus.

2.3 GOVERNO DOS PTOLOMEUS LAGUS - (321-198 A.C)

A Palestina ficou sob o domínio de Ptolomeu. Alexandria tornou-se a capital, o centro da cultura grega. Filadelfo, Filho de Ptolomeu Lagus, pediu ao Sumo sacerdote Eleazar para providenciar a tradução das escrituras hebraicas para o grego. O resultado foi a Septuaginta. Hale⁹ destaca:

Durante esse período, a Palestina estava experimentando uma helenização gradual e pacífica. Ela foi exposta à atração do modo de vida grega na língua, na arte, no comércio, na liberdade e na alegria de seus festivais e jogos. Houve uma dispersão voluntária pelo mundo grego afora. A política dos Ptolomeus era conceder aos judeus direitos civis iguais aos dos macedônios.

2.4 GOVERNO DOS SELÊUCIDAS - (198-167 A.C)

No ano 198 a.C, Antíoco III derrota Ptolomeu Epifânio e toma a palestina. Judá mudou de dono mais uma vez. Entretanto essa guerra ainda não tinha terminado. Os dois reinos pedem ajuda aos sírios e romanos. Em 190, os romanos, liderados por Cornélio Cipião, derrotam o exército de Antíoco III. Seu filho, que tinha sido refém em Roma (I Macabeus

⁹ HALE, Broadus David. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento** – São Paulo: Hagnos, 1997, p.12

1.10) volta depois de 12 anos. Saturado pela cultura grega, e agora pelo legalismo romano, volta para reivindicar seu império. Tinha como objetivo forçar o povo que estava sob o seu domínio a aceitar a cultura grega. Porém a medida que a pressão aumentava, os judeus passavam a resistir com maior força. Pouco a pouco os judeus iam cedendo também terreno na área sacerdotal. O texto de Macabeus retrata esse processo muito bem quando descreve o processo de helenização dentre os judeus. Jasão¹⁰, conseguiu o cargo de sumo sacerdote, depois de muitas manobras políticas:

Obtido assim o consentimento do rei, ele tão logo assumiu o poder, começou a fazer a passar os seus irmãos de raça para o estilo de vida dos gregos. Foi, pois, com satisfação que construiu a praça de esportes, justamente abaixo da Acrópole, e obrigando aos mais nobres de dentre os moços, conduziu-os ao uso do pétao. Verificou-se, desse modo, tal ardor de helenismo e tão ampla difusão de costumes estrangeiros, por causa da exorbitante perversidade de Jasão, esse ímpio e de modo algum sumo sacerdote. Que os próprios sacerdotes já não se mostravam interessados nas liturgias do altar! Antes, desprezando o Santuário e descuidando-se dos sacrifícios, corriam a tomar parte da iníqua distribuição de óleo.

Keller¹¹ dá clareza melhor ao texto quando fala dos costumes dos gregos na prática de esportes e competições e alterações na área religiosa:

O ginásio era nada mais nada menos que um estádio...Então por que tanta celeuma por causa de uma praça de esportes? ...Entre a maneira de praticar esporte atualmente e a dessa época há uma diferença pequena, mas essencial. Essa diferença não está propriamente nos exercícios, que são quase os mesmos há mais de dois mil anos atrás. A diferença está nos trajes. Fiéis ao modelo olímpico, eles praticavam os jogos completamente nus. O corpo só podia ser coberto por uma fina camada de óleo...No templo de Jeová, foi implantado o culto de Zeus Olímpico. E institui-se a pena de morte para todo aquele que praticasse as cerimônias do culto judaico, que fizesse os holocaustos tradicionais, que celebrasse o sábado, que praticasse a circuncisão. As sagradas escrituras foram destruídas.

2.5 GOVERNO DOS MACABEUS - (167-63 A.C)

Observamos então que a palestina já estava sendo influenciada, e muito, pela cultura dos gregos. Seu comércio, sua religião, seu governo, aos poucos iam tomando novas formas. Porém, mesmo diante de todo esse helenismo pagão, havia homens ainda piedosos, temente a Yahweh. Matatias, era um desses homens. Certa ocasião, ele se recusa a oferecer

¹⁰ Bíblia de Jerusalém, - São Paulo: Paulus, 1985, II Macabeus 4.10, 12 a 14

sacrifício ao deus grego, mas outro homem se oferece para sacrificar, porém é morto por Matatias. Esse acontecimento foi só um pontapé inicial para começar uma série de resistências por parte dos judeus. Pertencente a linhagem de Levi, Matatias teve cinco filhos, João, Simão, Judas, Eleazar e Jonatã. Depois do episódio de Matatias e de muitas insistências e manobras políticas, os judeus conseguem uma liberdade religiosa e posteriormente a Judéia passa a ter um governo local exercido pelos macabeus. A nação judaica estava mais uma vez independente, entretanto havia uma disputa muito grande entre os herdeiros.

2.6 IMPÉRIO ROMANO - (63- 135 D.C)

Aos poucos os judeus foram perdendo terreno. As brigas constantes entre os príncipes Macabeus deixavam o governo mais enfraquecido. Os descendentes de Matatias, João Hircano II e Aristóbulo II viviam em constantes brigas. Numa dessas brigas, e achando que uma intervenção de autoridade maior pudesse livrá-los do problema, Hircano II pede ajuda a Roma. Depois dessa ajuda, Roma toma de vez o poder. Hale¹² escreve como ficou o governo depois dessa intervenção:

A Judeia ficou sob o controle romano, E Antípater foi designado procurador, Hircano, como sumo sacerdote. Antipater designou seu filho Fasael, governador da Judeia, e seu filho Herodes, governador da Galileia. Após a morte de Antípater e Fazael, Herodes recebeu de Antonio e Otavio, em 40 a. C, o título *Rei dos Judeus*. A nação da Judéia, contudo, ainda era uma parte da província romana da Síria. Hircano II permaneceu como sumo sacerdote por um certo tempo, mas finalmente foi despedido (depois que Herodes casou-se com sua Neta Mariamne) e este ofício tornou-se outra vez sujeito ao maior arrematador.

Temos aqui então um casamento de uma judia com um idumeu¹³. Broadus¹⁴ descreve o perfil de Herodes, o qual ainda governava a Judéia quando Jesus era menino.

A vida familiar de Herodes foi muito infeliz e cheia de intrigas entre suas dez esposas, seus filhos e seus próprios irmãos e irmãs. Quando ele morreu, havia feito e mudado sua vontade várias vezes. Alguns de seus filhos ele matou, bem como sua amada Mariamne. Foi durante seu reinado e por causa de preocupação ciumenta por sua posição que ele ordenou a matança das crianças ao redor de Belém, após o nascimento de Jesus.

¹¹ KELLER, Werler. **E a Bíblia Tinha Razão** – São Paulo: Melhoramentos, 24 ed, 2005, p.341, 343 e 344.

¹² HALE , Broadus David. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento** – São Paulo: Hagnos, 1997, p.15

¹³ CESAREIA, Eusébio de, **História Eclesiástica** - São Paulo: Novo Século, 2002, p. 28 e 29

¹⁴ CESAREIA. Op. Cit, p.15

2.7 ESTRUTURA DA SOCIEDADE ROMANA

Neste tópico, se abordará a estrutura social greco-romano do século I. Ainda que não seja o objetivo principal desse trabalho tratar a respeito do aspecto político, se fará necessário, uma vez que são assuntos interligados. Assim, o mesmo será introduzido, de forma a transparecer melhor o ambiente social daquele período.

O que se observou como estratégia para se ter uma boa política com a vizinhança era que os romanos procuravam manter os mesmos costumes e culturas dos povos conquistados. Também, procuravam conservar suas estruturas hierárquicas administrativas, sociais e até mesmo religiosas, tais quais funcionavam antes de serem conquistados. Alguns problemas civis, moral e religioso eram tratados sem passar pelo tribunal romano. Os romanos estavam mais preocupados em manter a ordem nas cidades, e principalmente a arrecadação de impostos.

Como acontece na maior parte das sociedades humanas, também suas estruturas baseavam-se no modelo piramidal. Na parte superior, se concentravam os nobres, ou seja, a aristocracia, enquanto a base larga comportava os honoráveis e humildes.

Segundo Arens¹⁵, era de dentro das famílias tradicionais que proviam a classe aristocrata, na sua maioria, pessoas de grandes posses e bens matérias. A eles pertenciam os maiores postos públicos:

A aristocracia (honestiores) era composta pelas famílias tradicionais, que em geral eram ricas, e de uma ou de outra maneira, se movimentavam nas esferas do poder: a família imperial, os senadores, os equestres e os decuriões, segundo o esquema social romano, assim como as famílias honoráveis da cidade. Em conjunto, não chegavam a somar dois por cento da população global.

A base da pirâmide era constituída pela classe dos proletariados, ou seja, todos aqueles que não estavam contidos na classe aristocrática, e precisavam trabalhar para poder viver. Eduardo Arens¹⁶, em sua obra, escreve:

Nos níveis inferiores da aristocracia existia uma série de diferenciações desde diversos pontos de vista, segundo o fator destacado. De fato, a liberdade era condicionamento social muito maior outrora que hoje. Ser livre

¹⁵ CESAREIA. Op. Cit. P. 47

¹⁶ CESAREIA. Op. Cit. P. 47

era muito mais importante que ser rico ou pobre. Assim, os nascidos livres, e, naturalmente, dos próprios escravos.

A cidadania era outro fator que tinha grande importância. Arens¹⁷ declara:

Os cidadãos do lugar onde residiam estavam sociopoliticamente acima dos estrangeiros. E os cidadãos romanos tinham cotação ainda muito maior.

O certo é que a riqueza não determinava, por si mesma, a posição social, mas se esperava que a posição social ocupada se expressasse em símbolos externos do grau de bem-estar com o qual se associava.

As pessoas eram tratadas de acordo com a posição social ocupada. Um cidadão romano não era tratado como um estrangeiro, assim como uma mulher não tinha o mesmo trato que o homem. A posição social significava privilégios, poder sobre outros. Eduardo Arens¹⁸ escreve:

Não se deve esquecer que a posição social era mais que etiqueta ou roupagem: significava privilégios e direitos, poder e influências, mais que obrigações e deveres, que diminuía ou aumentavam segundo o lugar que se ocupava na pirâmide social.

Quanto à mudança na posição social, costumava acontecer respeitando o herdado de onde a pessoa provinha. Por exemplo, acontecia de escravos se tornarem livres, livres que passavam a ser escravos. Havia também os que compravam, com grande soma de dinheiro, sua cidadania. Um exemplo da importância e respeito que davam aos cidadãos romanos, vê-se em Atos 22.25-28¹⁹:

25 E, quando o estavam atando com correias, disse Paulo ao centurião que ali estava: É-vos lícito açoitar um romano, sem ser condenado? 26 E, ouvindo isto, o centurião foi, e anunciou ao tribuno, dizendo: Vê o que vais fazer, porque este homem é romano. 27 E, vindo o tribuno, disse-lhe: Dize-me, és tu romano? E ele disse: Sim. 28 E respondeu o tribuno: Eu com grande soma de dinheiro alcancei este direito de cidadão. Paulo disse: Mas eu o sou de nascimento

Pessoas de posses, que perdiam suas fortunas, desciam de sua posição social; pobres, que tinham habilidade de prosperar, subiam de posição.

¹⁷ CESAREIA. Op. Cit. P.47

¹⁸ CESAREIA. Op. Cit. P. 49

¹⁹ ALMEIDA, João Ferreira, **Bíblia Sagrada**, São Paulo:SBB,1993

A princípio, somente depois de algum tempo, se podia mudar dentro dessas posições. As autoridades também premiavam os que serviam com bons serviços, facilitando o acesso em adentrarem a outros níveis sociais.

Com o passar do tempo, se podia mudar de categoria em função do poder aquisitivo que a pessoa tinha. Pouco a pouco o fator de hereditariedade foi cedendo terreno.

As posições mais elevadas dentro da administração pública e até mesmo dentro de outra esfera, pertenciam aos aliados de Roma, tanto no aspecto religioso, como no aspecto administrativo, em que pessoas de confiança dos romanos eram os escolhidos para tais posições elevadas.

Algumas colônias chegaram à quase independência administrativa, que muitas vezes se dava através de recenseamento, com fins tributários. Veja o que Arens²⁰ escreve em sua obra:

Para começar, é preciso ter em conta as diferentes classes de cidades que havia no império romano. Roma e Egito constituíam classes a parte. As mais privilegiadas, eram as colônias, formadas a partir de veteranos do Exército, como Filipos, Icônio, e Listra na Ásia Menor. Sua fidelidade a Roma era inquestionável e estavam isentas de impostos. Seguiam-nas os chamados *municipia*, cujos habitantes receberam o privilégio da cidadania romana (como Társo e Éfeso) e gozavam de autonomia relativa.

O imperador queria que o governo local fosse manejado por pessoas de confiança, que pudessem ganhar também a simpatia do povo, a fim de manter a ordem, e melhor arrecadação de impostos.

2.8 ASPECTO MORAL DOS GRECO-ROMANOS

O palácio romano vivia repleto de convidados de honra, muitos banquetes eram realizados. Havia alto gasto com festas, apresentações, danças. Suas bebidas eram servidas em taças de cristal. Presentes eram dados aos anfitriões. Tudo isso tinha sua origem no provento de impostos arrecadados, bens que eram tomados de outras pessoas, minas de cobre, etc. Em sua importantíssima obra literária, “*Contexto e Ambiente do Novo Testamento*”, o

²⁰ ARENS, Eduardo. **Ásia Menos nos Tempos de Paulo, Lucas e João**: Aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento – São Paulo: Paullus, 1997, p.55

autor Eduard Lohse²¹ coloca uma questão central para o nosso entendimento desse quadro. Veja a seguir a decadência moral em que se encontrava o povo na época do Império Romano:

Muitos romanos não se casavam, procurando exclusivamente o prazer, diversos casais não tinham filhos, o divórcio tornara-se costumeiros e o grande numero de escravas e escravos representava uma ameaça contínua à moral. Para combater essa tendência, foram decretadas leis para a proteção da família romana: todos os homens entre 20 e 60 anos e todas as mulheres entre 20 e 50 anos eram obrigados a casar-se. Para promover a família, decretou-se que pessoas celibatárias não teriam direitos a herança, e os casados sem filho herdariam apenas a metade.

Dá para deduzir o alto grau de imoralidade no atual contexto do povo romano. A imoralidade era tão grande que, como se nota, fora necessária uma lei que tornava obrigatório o casamento. Sendo que com isso a situação piorou ainda mais, pois para estas pessoas, o casamento tornou-se apenas uma questão de aparência para o império, visto que eram forçados a tomar essa decisão. O apóstolo Paulo, na sua carta aos Romanos 1.26-32,²² escreve o pano-de-fundo, nos detalhando a decadência moral em que viviam os cidadãos dessa época.

26 Pelo que Deus os entregou a paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural no que é contrário à natureza; 27 semelhantemente, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para como os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a devida recompensa do seu erro. 28 E assim como eles rejeitaram o conhecimento de Deus, Deus, por sua vez, os entregou a um sentimento depravado, para fazerem coisas que não convêm; 29 estando cheios de toda a injustiça, malícia, cobiça, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, dolo, malignidade; 30 sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes ao pais; 31 néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, sem misericórdia; 32 os quais, conhecendo bem o decreto de Deus, que declara dignos de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que as praticam.

2.9 ESCRAVOS ROMANOS

Durante este contexto, existiam escravos com os mais variados dotes profissionais tais como: filósofos, professores, contadores, gerentes, escritvães, médicos, escriturários, administradores, trabalhadores domésticos, pessoas de confiança etc. Tais

²¹ LOHSE, Eduardo, **Contexto e Ambiente do Novo Testamento**, São Paulo: Edições Paulinas, 2000, p

²² ALMEIDA, João Ferreira, **Bíblia Sagrada**, São Paulo:SBB,1993

escravos eram considerados até mais cultos que seus próprios senhores. Alguns gozavam de certos privilégios por terem uma certa especialização.

Pessoas criminosas, endividadas, e prisioneiras de guerra poderiam ser condenadas a escravidão.

Segundo Arens²³, o que se pode observar era que os escravos poderiam ganhar sua carta de liberto em função de bons serviços prestados aos seus senhores, como também pelo pagamento de uma certa importância ao seu dono. Alguns desses escravos recebiam um salário, ainda que pequeno, pelos bons serviços prestados. Em muitos casos, estes economizavam ao longo de anos, a fim de comprar sua liberdade, quando isso fosse possível. Outros também conseguiam juntar uma boa fortuna em função de lucros ilícitos, uma vez que muitos destes roubavam de seus próprios senhores.

²³ ARENS, Eduardo. **Ásia Menos nos Tempos de Paulo, Lucas e João**: Aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento – São Paulo: Paullus, 1997, p. 69,70

3 INTRODUÇÃO AO LIVRO MATEUS

Como nosso objetivo é descrever o contexto social de Jesus no evangelho de Mateus, nada mais justo do que falarmos a respeito de seis áreas consideradas importantíssima para uma boa compreensão da mensagem desse livro: autor, data, fonte, estrutura, propósito e destinatários.

Apesar do evangelho de Mateus aparecer sempre como o primeiro na lista dos evangelhos do Novo Testamento, isto não quer dizer que ele tenha sido o primeiro livro a ser escrito. Este fato vamos poder detalhar melhor quando falarmos a respeito das fontes utilizadas para a produção da obra. De todos os evangelhos, Mateus é o mais judaico. Isso se pode observar pela sua mensagem, até mesmo pela preocupação que o autor teve em escrever toda a genealogia de Jesus Cristo, conforme Mt. 1.1. O autor pressupõe que o leitor já esteja familiarizado com a mensagem do Velho Testamento e até mesmo com as várias seitas que surgiram no período pós-exílio. Mateus é uma verdadeira ponte entre o Antigo e o Novo Testamento. Ao longo do livro, temos mais de cem citações do Velho Testamento. O propósito do autor é demonstrar que Jesus é o grande Messias, o Filho de Deus, tendo como tema principal “O Reino do Céu”, o qual tem como o grande Rei, Jesus Cristo.

3.1 AUTOR

Se tivermos como parâmetros as cartas do Apóstolo Paulo, as quais têm por padrão em suas linhas iniciais a identificação do autor e dos primeiros destinatários, então podemos dizer que do ponto de vista formal, a autoria do evangelho de Mateus é anônima. Entretanto, partindo da tradição antiga, dentro das evidências externas, teremos vários pais da igreja atribuindo a autoria deste Evangelho à Mateus. No séc. II temos Papias e Irineu. No séc. III Orígenes e no Séc. IV Eusébio de Cesareia²⁴ firmando a autoria de Mateus. Martin

²⁴ CESAREIA, Eusébio de, **História Eclesiástica** - São Paulo: Novo Século, 2002, p. 97

Hengel²⁵ pesquisando como os livros circulavam no mundo antigo, descobriu que os títulos passaram a ser necessários tão logo dois ou mais evangelhos começaram a ser lidos em público. Isto se fazia necessário, a fim de identificar a obra a que se fazia alguma referência. Para Hengel, é inconcebível que os evangelhos tenham circulado anonimamente durante cerca de 60 anos, e depois, de súbito, no séc. II, serem atribuídos a certos autores. Ele conclui que os quatro evangelhos canônicos jamais foram formalmente anônimos.

Mas há também as evidências internas que apontam para a mesma conclusão. O nome Mateus, significa “dom de Deus”. Percebe que o nome de Mateus aparece em todas as listas dos doze apóstolos. Em Marcos 2.14 e Lucas 5.27, temos um homem a quem Jesus chama para deixar de ser coletor de impostos e passa a segui-lo, identificado como Levi. O evangelho de Mateus 9.9, identifica o homem como sendo Mateus. Nos três evangelhos sinóticos, se encontra a lista dos 12 apóstolos (Mt. 10.2-4; Mc. 3.16-18; Lc. 6.13-16), At. 1.13 relaciona um Mateus, e Mt. 10.3 identifica esse Mateus com o coletor de impostos, pressupondo logicamente que Levi e Mateus sejam a mesma pessoa. Desde o início da leitura no livro de Mateus, nos encontramos submergidos na memória da história do antigo testamento. O autor está familiarizado com a geografia (Mt. 2.23), os costumes judaicos (Mt. 1.18-19) e com a própria história judaica. Ele chama Herodes Antipas “*tetrarca*”, ao invés de rei (Mt. 14.1). Somente este evangelho faz referência a “Mateus, o publicano” (Mt.10.3). Carson²⁶ escreve que a pressuposição de que Mateus era um coletor de impostos e que foi autor deste evangelho se harmoniza muito bem com diversos detalhes. Diversos textos em Mateus apontam para operações financeiras (Mt. 17.24-27; 18.23-35; 20.1-16; 26.15; 27.3-10; 28.11-15), mas nenhuma dessas passagens deixam perceber que seu autor tenha bastante familiarização com o sistema alfandegário. É muito provável que um coletor de imposto, como é o caso de Mateus, tenha certo domínio da língua grega como do próprio aramaico. Há evidência muito forte também que aponta que o livro de Mateus tenha sido primariamente escrito em língua semítica, como afirma os pais da igreja

²⁵ CARSON D. A., Douglas J. Moo & Leon Morris. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento** – São Paulo: Vida Nova, 2006, p.73

²⁶ CARSON. Op. Cit. p. 80

3.2 DATA

A data é a segunda área a ser considerada para a compreensão da mensagem. Eusébio faz uma citação de Clemente de Roma, como tendo se referido ao Evangelho de Mateus. Partindo do princípio que Clemente morreu por volta do ano 101 d.C, logicamente podemos concluir que esse Evangelho tenha sido escrito no máximo até o ano de sua morte. Marcos 13 e Mateus em seu discurso nos capítulos 22 e 24 pressupõem a destruição de Jerusalém, fazendo com que se estabeleça uma data inicial antes do ano 70. A maioria dos estudos modernos sugere que o Evangelho de Mateus tenha sido escrito entre os anos 65 e 75.

3.3 FONTE

Quanto à fonte, os estudos mais recentes demonstram haver uma probabilidade maior que Marcos tenha sido o primeiro evangelho a ser produzido. Os críticos modernos estão de acordo que Mateus tenha se utilizados pelo menos de três fontes para a construção de sua obra, o evangelho de Marcos, “M” e a “Q” (Quelle). Carson²⁷ faz um estudo muito interessante para melhor entendimento desta questão. Marcos é considerado mais curto do que Mateus e Lucas. 11.025 palavras contra 18.293 e 19.376, respectivamente. Todavia, essa brevidade não é a maior prova que temos quanto a quem utilizou quem para a construção do texto, mas sim esta brevidade levada em consideração quanto ao conteúdo comum tanto em Lucas quanto Mateus. Broadus²⁸ escreve que dos 661 versículos que estão em Marcos, somente 30 não aparecem nos livros de Mateus e Lucas. Isto demonstra que o conteúdo que está em Marcos também aparece em Mateus, mas o contrário disso não é verdade. Hoje é comum aceitar a seguinte conclusão quanto à fonte de Mateus. Mateus utilizou-se de Marcos na construção de sua obra. Mas, além do Evangelho de Marcos, Mateus também se utilizou da fonte “Q”, encontrada em Lucas, e com exclusividade a fonte ”M” que só Mateus utiliza.

²⁷ CARSON D. A., Douglas J. Moo & Leon Morris. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento** – São Paulo: Vida Nova, 2006, p.37

²⁸ HALE , Broadus David. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento** – São Paulo: Hagnos, 1997, p.54

3.4 ESTRUTURA

Outra área importante para a compreensão do nosso estudo, é quanto ao seu conteúdo, ou seja, de que forma Mateus estruturara sua obra. Broadus²⁹ descreve sua estrutura da seguinte forma:

I – Linhagem Real

1. O Nascimento e a Infância de Jesus Cristo (1:1-2:23)

II – A Proclamação do Reino dos Céus (3:1-4:11)

III – O Reino: Sua Natureza e Característica (4:12-7:28)

1. Narrativa Introdutória (4:12-25)
2. Discurso: O Sermão da Montanha (5:1-7:28)

IV – A Apresentação e Propagação do Reino (8:1-11:11)

1. Narrativa Introdutória (8:1-9:34)
2. Discurso: Missões (9:35-11:1)

V – A Inauguração do Reino (11:2-13:53)

1. Narrativa Introdutória (11:2-12:50)
2. Discurso: As Parábolas Acerca do Reino (13:1-53)

VI – A Relação de Jesus Para com o Reino (13:54-19:1)

1. Narrativa Introdutória (13:54-17:21)
2. Discurso: O Espírito Interno do Reino (17:22-19:1)

VII – A Última Apresentação Formal do Reino à Nação Judaica (19:2-26:1)

1. Narrativa Introdutória (19:2-23:39)
2. Discurso: Escatologia (24:1-26:1)

VIII – Morte, Ressurreição e Ascensão do Rei (26:2-28:20)

À medida que essas áreas vão sendo conhecidas, melhor fica o entendimento para uma exegese do texto.

²⁹ CARSON. Op Cit. p 92, 98 e 99

3.5 PROPÓSITO

Um autor, sempre ao escrever sua obra, tem em mente um objetivo. Com Mateus não foi diferente. Apesar de que, no Evangelho de Mateus não está explicitamente escrito seu propósito, mas se conclui que pela forma na qual o autor estruturou sua obra é possível descrever qual intenção ele tivera. Certamente ele tinha um propósito a ser alcançado. Mas qual então foi o propósito de Mateus? Ao observarmos a estrutura acima, verificamos que o seu conteúdo está ligado diretamente ao tema do Reino de Deus. Mateus demonstra que Jesus é o Messias. Os judeus aguardavam ansiosamente um rei o qual pudesse restaurar a nação de Israel ao seu tempo de glória, como na época de Davi. Esperavam um príncipe, politicamente grandioso, o qual pudesse livrá-los das mãos do império romano. O contexto no qual Mateus escreveu nos mostra que o povo deveria está vivendo dias conturbados. Era véspera de guerra entre judeus e romanos, próximo da destruição da cidade e do que era mais sagrado para a nação, seu templo, guerra esta que foi ocasionada por fanáticos nacionalistas que tentaram introduzir precipitadamente o reinado messiânico. Mateus, objetiva em sua obra apresentar Jesus como o Messias, o filho de Deus, o salvador dos judeus, o qual eles mesmos rejeitaram.

3.6 DESTINATÁRIOS

Mateus escreveu seu evangelho primariamente para judeus. As evidências internas são muito claras em apontar para um publico judeu. Sua obra está sempre defendendo, perante os judeus cristãos, que Jesus é o Messias prometido do Antigo Testamento³⁰. O autor usa constantemente a expressão: ***“Para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo Profeta”***, conforme Mateus 1.22; 2.15, 17, 23; 8,17; 12.17; 13.35; 21.4; 24.54, 56; 27.9. A própria forma em que Mateus escreve a Genealogia de Cristo, objetiva estabelecer uma relação direta com os principais depositários das promessas messiânicas, conforme Mateus 1.1: ***Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão***. Como se pode observar, Mateus faz questão de provar, de todas as formas, que Jesus é um descendente real do Trono Davídico, sejam elas através das profecias, seja ela pela genealogia. Quanto às evidências externas, há unanimidade entre os pais da igreja Papias,

³⁰ Bíblia de Jerusalém, - São Paulo: Paulus, 1985

Ireneu, Orígenes, Eusébio de Cesaréia e Jerônimo testemunhando que Mateus escreveu seu Evangelho aos judeus.

4 CLASSES SOCIAIS

Depois de apresentar essa visão panorâmica da história, que marcou o período entre o Velho e o Novo Testamento, estaremos pontuando o contexto social, o qual Jesus encontrou na palestina. Começaremos abordando a respeito da estrutura social do povo. Isso implica conhecer em que classe sua sociedade era composta. O termo “classe”, empregado aqui, usa-se hoje, predominantemente, para referir-se ao nível econômico. Entretanto, no mundo grego-romano, segundo Eduardo Arens³¹, não correspondiam a fatores econômicos, ou seja, a um estado de pobreza, de riqueza ou intermédio entre ambos. Aqui estaremos fazendo uma abordagem mais detalhada, especificando, quem estava no poder? Quem eram os ricos? Quem eram os pobres? Existiam escravos? Quais as classes trabalhadoras daquele tempo? Sobre estas e outras perguntas o autor trará respostas baseadas em leituras de grandes escritores da área do Novo Testamento.

4.1 ESTRUTURA DA SOCIEDADE JUDAICA

Estima-se que havia uma população de quatro milhões de judeus espalhado por todo o império romano, sendo que o número de judeus era bem menor comparado ao restante da população, não chegando a dez por cento.

O latim era a língua oficial do império romano, sendo que o idioma mais comum era o grego. Poucos habitantes da palestina, falavam as três línguas: o grego, o aramaico e o hebraico. A língua oficial da maioria dos judeus era o aramaico, os mais eruditos falavam o hebraico.

Muito idêntico à sociedade greco-romana, também havia os altos postos, tais como sumo sacerdote, tesoureiros, secretários e outros mais, que

³¹ ARENS, Eduardo. **Ásia Menos nos Tempos de Paulo, Lucas e João: Aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento** – São Paulo: Paullus, 1997, p.43

também poderiam ser conseguidos por meio de dinheiro e influências políticas, em outras palavras, poderiam ser comprados Jeremias³² destaca:

“Conta-se que Yoshua ben Gamaliel (63-65 d.C.) comprou a função de sumo sacerdote e que isso se repetiu diversas vezes (2Mc 4.7-10,24,32). Para obter tal função, sua mulher Marta ou Miriam pagou – assim dizem – 3 quab (de 2,02 litros) de denários ao rei Janeu (provavelmente o nome de Janeu, que reinou de 103 a 76 a.C. figura aqui intencionalmente pelo de Agripa II; a literatura rabínica sempre envolve Agripa com um juízo muito favorável)

Não diferente da sociedade greco-romana, também na sociedade judaica havia uma aristocracia do dinheiro. Na sua maioria constituída de uma família sacerdotal, e dirigentes rabínicos. Grande parte do povo judeu era constituída por pessoas pobres, lavradores, comerciantes. Conforme alguns autores, a nobreza sacerdotal fazia parte dos mais ricos cidadãos judeus.

4.2 ASPECTO ECONÔMICO

Para se ter uma idéia da economia de algum povo, precisamos antes conhecer um pouco da sua área geográfica. Precisaremos responder algumas perguntas do tipo: Como são suas terras? São boas para agricultura?, ou são terras imprestáveis para o cultivo?. Como são os seus rios, e mares? possuem peixes? Suas águas são boas para beber? Possuem reservas minerais tais como ouro, prata, cobre, ferro? As pessoas vivem do que? O escritor Henri Daniel-Rops³³ escreve em seu livro: “*A vida diária nos tempos de Jesus*” o seguinte, que nos dá uma idéia do que vinha ser essa área geográfica:

“O perfil das colinas em toda parte é tão singular, puro e delicado que parece desenhado por mão de artista;...Onde quer que seja, a relação dos planos, as distâncias remotas, imprimem uma harmonia secreta sobre a mente e a fazem voltar-se para a eternidade. Sob o céu azul profundo as cores fulgem com extraordinária riqueza – o vermelho da terra dos vinhedos, o verde delicado das hortas, o ouro pálido da cevada madura, o amarelo-tostado do deserto; e sob o sol todas essas cores contrastantes se fundem num só brilho quente, e na sombra nos tons violetas do bronze. E para tornar ainda mais

³² JEREMIAS, Joaquim, **Jerusalém no Tempo de Jesus**, Pesquisas de História Econômico-Social no Período Neotestamentário, São Paulo: Edições Paulinas, 1983, p. 141, 142.

³³ DANIEL-ROPS, Henri, **A Vida Diária nos Tempos de Jesus**, 2 ed. São Paulo:Edições Vida Nova,1999, p 13.

evidente a harmonia, aqui e ali grupos de ciprestes escuros se integram na paisagem; ou, de repente, a superfície trêmula dos olivais ressalta em azul.”.

Poucos países são capazes de demonstrar, tamanha diversidade de contrastes em uma tão pequena extensão de área. Praias, colinas, montanhas, ravinas, pastos, deserto, neve, vales, mares, tudo isso fazia parte desta pequena área geográfica, que segundo a Bíblia, era uma terra que mana leite e mel. No Novo Testamento, observamos que os discípulos de Jesus eram instruídos, na maioria das vezes, através de parábolas e histórias. Boa parte destas dizem respeito ao ambiente em que eles estavam familiarizados. Tratavam do campo, da agricultura, do rabanho, do rio. O Novo Testamento está repleto destas passagens. Ora, sendo assim, é possível compreendermos que boa parte da economia dessa época girava em torno dessas fontes que citamos acima.

As terras estavam concentradas nas mãos de poucas pessoas, os latifundiários. Os mais ricos eram detentores dessas terras. Seus donos as arrendavam, como pagamento recebia uma boa porcentagem do que era produzido. Como também contratavam pessoas para trabalhar, a fim de preparar a terra, o plantio e a colheita dos frutos. Na Bíblia temos exemplos claros desse tipo de transação, que era comum a esta época.

Havia também os mercadores de peixes. Alguns eram até discípulos de Jesus, como percebemos na Bíblia, Pedro e André. Outros trabalhavam por conta própria, como artesãos que tinham suas próprias oficinas. José, pai de Jesus, era carpinteiro. Jesus também herdou esta profissão do pai. Era costume o pai transmitir para o filho sua profissão.

Havia também o comércio local, espécie de feira, loja e bazares, onde provavelmente os camponeses iriam vender seus cereais, vinhos, ovelhas. Estes também vinham com propósito de comprar ferramentas para o seu cultivo, perfumes, utensílios, roupas, sandálias, etc. Já existiam os comerciantes que viajavam de uma cidade a outra levando seus produtos, a fim de comercializarem.

Existiam aqueles que compravam toda uma safra de cereal, mesmo ainda eles estando plantados, ou sejam, ainda, sem serem colhidos.

A exportação e importação de produtos, já eram comuns nessa época. Os judeus importavam madeiras, ferro, seda, perfumes, e até mesmo incenso, sendo este essencial para o funcionamento dos serviços no templo. O incenso era importado da Arábia. Eles

exportavam trigo, óleo, carne. Entre esses e outros produtos exportados se encontrava o famoso óleo de Jerico.

Existiam também os banqueiros. Um exemplo destes, podemos notar, na história onde Jesus conta a respeito do senhor que entregou alguns talentos aos seus servos afim de que estes fossem multiplicados, (conforme Mateus 25.27).

4.3 RICOS E POBRES

4.3.1 Escravos Judeus

Os escravos pertencentes aos judeus poderiam ser livres após os seis anos de labor. De acordo com a prescrição da Lei, no sétimo ano deveriam ser livres (Ex. 21.2)

Muitos escravos, por serem bem tratados, preferiam continuar trabalhando com seus senhores.

Havia um ditado na época que dizia: “quem compra um escravo judeu, arranja um senhor para si”. O que isso queria dizer?. O escravo judeu tinha muitas regalias. Por exemplo, ao chegar o ano sabático o escravo era livre, ou seja, trabalhava seis anos, no sétimo tinha que ser liberado. Além disso, não podia trabalhar mais do que algumas horas por dia.

4.3.2 Os Ricos

O Sinédrio, que era uma espécie de Poder Judiciário, uma Corte Suprema, era constituído de grandes homens, o qual era presidido pelo sumo sacerdote. Além do poder religioso, esta corte exercia também poder político entre os judeus. Neste conselho, existiam homens ricos, como Nicodemos, José de Arimatéia, que segundo alguns estudiosos eram provavelmente proprietários de terras. Estes arrendavam as suas fazendas, posteriormente, obtendo grande lucro após suas colheitas.

Para os judeus, os homens ricos eram pessoas abençoadas por Deus, pessoas essas que eram tidas como temente e justo perante Deus.

4.3.3 Os Pobres

Uma boa parte do povo que se encontrava na área da palestina eram pobres. Muitos deles eram lavradores, jornaleiros, escravos, pedintes. Existiam aqueles que, através de seus trabalhos conseguiam se manter, e outros que precisavam, se não completamente, pelo menos em parte, da boa vontade de outros para seu sustento.

As pessoas que não possuíssem um pedaço de terra, se viam obrigadas a trabalharem como jornaleiro, ou seja, como diaristas, com um salário muito baixo, cerca de um denário por um dia de trabalho. Exemplo desse tipo de trabalho podemos ver em várias passagens da Bíblia, e uma delas se encontra no livro de Mateus(20. 1-16). A terra na Judéia era mais propícia a pastagem e a pecuária. Com muito trabalho e suor, este povo que trabalhava no campo, conseguia se manter com um salário muito pequeno.

A mão de obra escrava não representava uma diferença grande na economia rural. A escravidão de judeus, como vimos no capítulo que trata deste assunto, não era tão numerosa, até porque um escravo judeu que vivia na palestina, tinha pouco valor comparado com um escravo pagão. As regalias dos escravos judeus eram maiores. Henri Daniel-Rops³⁴ escreve:

“Um documento oficial do ano 71 A.D. mostra que em uma região onde as autoridades fiscais contaram 385 contribuintes, todos juntos não possuíam mais do que quarenta e quatro escravos, a saber um escravo para cada nove deles. A situação não se comparava assim de forma alguma à existente no mundo pagão”

O poder econômico da maioria na área da Judéia, era bem pequeno. Observamos na Bíblia o exemplo daquela mulher a qual perdera uma moeda em sua casa, e que passou horas procurando por ela, e quando a encontrou ficou muito contente. Um denário, equivalia uma diária de trabalho. Existiam aqueles que em parte ou totalmente dependiam da ajuda das pessoas. Podemos citar como exemplo dessa categoria os escribas, que, pelo que tudo indica continuavam assim desde o Antigo Testamento. Uma passagem bíblica diz a

³⁴ DANIEL-ROPS, Henri, **A Vida Diária nos Tempos de Jesus**, 2 ed. São Paulo:Edições Vida Nova,1999, p 97

seguinte frase: “de graça recebestes, de graça dá. Não procureis nem prata, nem cobre, e não o leveis nos vossos cintos. Não tomeis alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem cajados! Pois o operário é digno de seu salário” . Mas pelo que o autor J. Jeremias³⁵ informa, em seu livro *Jerusalém no Tempo de Jesus*, existiam alguns escribas que exerciam uma profissão diferente da de escriba, afim de ajudar no seu sustento.

“... Shamaí afastou com sua vara de carpinteiro um pagão que queria se tornar prosélito. Hilel que viveu também por volta do início de nossa era, foi diarista pelo menos durante seus estudos. São Paulo exercia uma profissão durante sua atividade missionária (At. 18,3); tornado apóstolo conservou o hábito de ganhar a vida como rabi de Jerusalém...”

A pobreza por parte de muitos judeus era tão grande que, os pagãos da época faziam piadas com a pobreza destes, dizendo que não tinha mais do que uma peça de roupa para trocar, vivia pedindo esmolas, e que eram obrigados a se alimentarem das alfarrobas, que eram uma espécie de vagem. Um certo rabino³⁶ disse o seguinte: “As filhas de Israel são lindas, pena que a pobreza as torne feias.

4.4 FAMÍLIA

4.4.1 Família Judaica

A família já era considerada há muito tempo, a primeira base, a primeira célula de uma sociedade.

Como de costume, no oriente médio, pessoas se casavam ainda quando tinham poucos anos de vida. Os jovens costumavam se casar aos dezoito anos. Muitas vezes era o pai que escolhia com quem este deveriam se casar. Em outras ocasiões, o jovem tinha a liberdade de escolher com o consentimento dos pais. As mulheres, segundo a lei, estariam aptas a se casarem quando sua estrutura física estivesse formada, ou seja em torno dos doze, treze anos

³⁵ JEREMIAS, Joaquim, *Jerusalém no Tempo de Jesus*, Pesquisas de História Econômico-Social no Período Neotestamentário, São Paulo: Edições Paulinas, 1983, p. 160, 161

³⁶ DANIEL-ROPS, Henri, *A Vida Diária nos Tempos de Jesus*, 2 ed. São Paulo:Edições Vida Nova,1999, p 103

de idade³⁷. Um outro fato importante era que não era comum, um jovem casar-se com uma jovem de posição social, nem muito acima, nem muito abaixo da que pertencia.

Alguns autores diferem quanto a prática da poligamia durante este contexto. Para J. Jeremias³⁸ A poligamia era praticada pelos judeus. Sendo que esta se dava mais na alta sociedade, já que para manter mais de uma mulher, o esposo teria que possuir um poder econômico maior.

Os escritos de Josefo³⁹ mostram exemplos de poligamia na alta sociedade (*Ant. XII 4, 6, § 186ss.; B. j. I 4,6, § 97; Ant. XIII 14,2, § 380*).

Quase no final de sua obra, J. Jeremias⁴⁰, escreve:

“Uma constatação serve de estatística para determinar a frequência da poligamia: em 1927, na cidade de Artas, perto de Belém, dentre 112 homens casados, doze tinham diversas mulheres, portanto, em números redondos, 10%: onze tinham duas, e um tinham três. Evidentemente, é preciso tomar esses números como pontos de referência e não transpô-los, levemente, à época de Jesus”.

Eduardo Arens⁴¹ faz o seguinte comentário:

“O divórcio era freqüente, assim como o concubinato. Talvez seja este o contexto da advertência em I Tm 3.2; 3.12 e Tit 1.6, de que os presbíteros e os diáconos deviam ser “marido de uma só mulher” e da preocupação pelo tema do divórcio nos evangelhos”.

Já Henri Daniel-Rops⁴², lança uma pergunta:

“Seria ainda esta a situação nos dias de Cristo? É difícil dizer, parece ter havido duas correntes diversas na tradição quanto a este ponto e isso torna-se claro ao ler o Talmude. O tratado do Yebamoth contém opiniões contraditórias: “O homem pode casar-se com quantas mulheres quiser”, disse um rabino;...outro ainda limitava o harém a quatro esposas,... Mas toda uma trama de tradições religiosas, remontando a um período anterior à lei Mosaica, considerava a monogamia como a união ideal desejada por Deus.

³⁷ DANIEL-ROPS. Op Cit p 83

³⁸ JEREMIAS, Joaquim, **Jerusalém no Tempo de Jesus**, Pesquisas de História Econômico-Social no Período Neotestamentário, São Paulo: Edições Paulinas, 1983, p. 136

³⁹ JEREMIAS . Op Cit, p. 137

⁴⁰ JEREMIAS . Op. Cit p. 486

⁴¹ ARENS , Eduardo. **Ásia Menos nos Tempos de Paulo, Lucas e João: Aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento** – São Paulo: Paullus, 1997, p.78

⁴² DANIEL-ROPS, Henri, **A Vida Diária nos Tempos de Jesus**, 2 ed. São Paulo:Edições Vida Nova,1999, p 82

As famílias que tivessem muitos filhos, eram consideradas uma bênção de Deus, pois isso significava a preservação da família por longos anos, dando a entender que isso era sinônimo de eternidade para o povo judeu.

Eles procuravam manter a etnia, ou seja os casamentos eram feitos dentro da própria família. Não era muito comum casar-se com mulheres estrangeiras. Um exemplo claro dessa situação, se ver na história em que Abraão mandou procurar uma esposa para o seu filho Isaque dentro de sua própria família.

Normalmente, após os pais ou o filho ter escolhido a noiva, e tendo tudo sido acertado, se dava um período mais ou menos de um ano para que se desse o casamento. Muitas vezes era nesse período que os noivos passavam a se conhecerem. Isso se dava quando o pai escolhia a jovem para o filho, a qual este, ainda não conhecia.

A obrigação que o jovem tinha para com sua noiva, basicamente era a mesma que o esposo tinha para com sua esposa. Caso o noivo viesse a deixar a noiva, tinha que dar-lhe carta de divórcio. Assim como, se o noivo viesse a morrer, a noiva era considerada viúva. E caso ela o traísse, caísse em adultério, caberia-lhe a morte por apedrejamento, da mesma forma como se fossem já casados.

Um outro costume que se nota no Antigo Testamento, que nos deixa em dúvida se ainda existia no tempo do Novo Testamento, era o pagamento de um dote ao pai da noiva, por parte do noivo. Isso era feito por meio de um contrato, sendo que o valor do dote era acertado entre o noivo e o pai da noiva. Além dessa obrigação, diante da família da noiva, o noivo também tinha de oferecer um outro dote à noiva. Henri Daniel-Rops⁴³ escreve:

“...Antes da união matrimonial havia necessidade de decidir uma questão importante: o dote. Não se tratava realmente de um dote no sentido que conhecemos, pois não era o pai que dava à filha dinheiro ou bens, mas era ele que os recebia. O costume remontava à uma época antiquíssima, e a Bíblia o menciona repetidamente (Gn. 34.12; Ex. 22.16; I Sm. 18.25) O dote dado pelo noivo ao pai da noiva era chamado de mohar...”

“...A discussão do dote era uma questão prolongada e dava lugar a intermináveis argumentos. Concordava-se geralmente, com base num texto em Deuteronômio (Dt.22.27), que cinquenta ciclos de prata constituíam um mohar adequado. Uma vez chegados a um acordo quanto à soma, era preparado e assinado um contrato numa quarta-feira para a virgem, e na terça-feira para a viúva...”

⁴³ DANIEL-ROPS, Henri, **A Vida Diária nos Tempos de Jesus**, 2 ed. São Paulo:Edições Vida Nova,1999, p 85

“..Este porém não era o fim das obrigações financeiras do noivo: o costume exigia que oferecesse à futura esposa uma coleção de presentes, que recebia o nome de mattan. Este não era o Morgengabe da lei germânica, o presente dado após a noite de núpcias, mas sim um dote que a mulher reteria caso ficasse viúva...”

A festa de um casamento durava em média uma semana, ou mais do que isso. Era marcada por danças, vinho, jogos e comidas para todos. Em algumas situações o vinho acabava antes do final da festa, algo que não era bem visto por quem participava do banquete. Um exemplo da falta de vinho na festa, temos na Bíblia, em um casamento que Jesus participou, em Caná da Galiléia. Outro costume era que o lençol da noite de núpcias, manchado de sangue, era guardado como lembrança, e até mesmo de prova da virgindade da noiva, caso o noivo viesse falar ao contrário disso. Henri Daniel-Rops⁴⁴ menciona o seguinte:

“... Os lençóis manchados de sangue eram guardados como lembranças da noite de núpcias, porque o capítulo 22 de Deuteronômio dizia que era bom ter provas contra futuras insinuações por parte do marido...”

Segundo a lei⁴⁵, caso o marido viesse a morrer, o irmão do falecido era obrigado a casar-se com a viúva. Esta era conhecida como a lei do levirato.

“... Um caso em que era obrigado a casar-se com uma mulher embora não gostasse absolutamente dela. Quando um homem morria sem deixar filhos, seu irmão ou seu herdeiro tinha de casar-se com a viúva a fim de dar continuidade à família do morto...”

Na área da palestina as famílias costumavam ser numerosas. Um filho varão era sinônimo de alegria para toda a família, principalmente ao pai. As filhas não pareciam ser bem aceitas. Isso era tão forte em alguns povos, que para os romanos, por exemplo, ao nascer um varão era alegria e festa, entretanto ao nascer uma menina, alguns documentos informam, com descreve Gundry⁴⁶, que o pai até incentivava a mãe a deixar a criança exposta a fim de que morresse,

As famílias não eram conhecidas pelo sobrenome, o qual naquela época nem existia. A forma de identificar uma pessoa era pela menção do nome do pai, fazendo menção à filiação política, em que o indivíduo fazia parte, pela sua profissão, ou até mesmo ao local de seu nascimento.

⁴⁴ DANIEL-ROPS. Op Cit p. 87

⁴⁵ DANIEL-ROPS. Op Cit p. 84

⁴⁶ Robert H. Gundry, , **Panorama do Novo Testamento**, São Paulo: Edições Vida Nova, p. 32

4.4.2 Mulher

A esposa pertencia ao esposo, como se fosse qualquer outro bem que possuísse. A mulher era considerada tão sujeita ao marido que, pela lei, um escravo casado, só poderia ser vendido, se fosse junto com sua esposa.

A mulher tinha obrigação de total fidelidade ao marido, algo que elas não poderiam cobrar deles. Sua posição na sociedade era inferior em todos os aspectos. Conforme descreve Lohse ⁴⁷: um rabino chamado R. Jehuda dizia que todos os homens deveriam agradecer a Deus assim: “Louvado seja Deus que não me fez nascer mulher, louvado seja Deus por não ter nascido ignorante, louvado seja Deus por não ter nascido pagão”.

Não era comum uma mulher ficar muito próximo de um homem. Não ficava bem para um judeu conversar com uma mulher na rua. João fala que os discípulos ficaram surpreendidos ao ver Jesus conversando com uma mulher de Samaria. Ela não herdava nada do marido, e nem sequer do próprio pai. Seu testemunho não era válido na maioria dos tribunais. Caso ela viesse acertar alguma coisa com alguém, seu marido poderia desfazer, pois esse acerto não teria valor algum.

À mulher cabia as tarefas de uma casa: fazer pães, biscoitos, buscar água na fonte, moer, assar, etc.

Aqueles maridos de grande posse gostavam de deixar bonitas suas esposas, conservando-as, sempre bem vestidas, com adornos, colares no pescoço, anéis em seus dedos, broches, etc. Uma forma de mostrar aos outros que havia fartura em sua casa.

4.4.3 Filhos

Diferentemente das pessoas de hoje, os israelitas não questionavam se deveriam ter filhos ou quantos deveriam ter. Não havia algo como um planejamento familiar. Seus pensamentos e atitudes eram estes: “Filhos são bênçãos de Deus”. O Versículo 3 do

⁴⁷ LOHSE, Eduardo, **Contexto e Ambiente do Novo Testamento**, São Paulo: Edições Paulinas, 2000, p 139.

capítulo 127 dos Salmos afirma: “Eis que os filhos são herança do Senhor”. Deste modo, filhos eram bênçãos para os israelitas. Assim, todo casal judeu desejava ter filhos, e não poucos. A ordem de Deus foi “frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra” (Gn. 1.27-28). O cumprimento desta ordenança é sinal de benção e privilégios.

Para o casal que não pudesse ter filhos, isso era sinal de tristeza. Na Bíblia, vê-se exemplos disso no caso de Abraão e Sarai (Gn. 16.1). Um outro exemplo pode ser observado em Raquel, esposa de Jacó, que chegou a dizer a este: “Dá-me filhos, se não morro” (Gn. 30.1).

Packer, Tenney e White escrevem que o alvo do matrimônio era ter filhos. O casal desejava ser lembrado; e só através de descendentes, isso lhes seria assegurado.

5 CONCLUSÃO

A conclusão obtida com o presente trabalho reconhece a importância que tem a pesquisa no processo de interpretação do Evangelho de Mateus. Para interpretar a Bíblia é importante fazer uma busca minuciosa não somente nos livros canônicos, mas também nas pesquisas deixadas por autores do respectivo assunto. Foi observado no presente trabalho que para se ter uma interpretação mais detalhada e até mesmo, mais isenta de erros, é necessário primariamente pesquisar nos contextos histórico que antecedem o texto principal. Esse trabalho não tem por objetivo esgotar sobre o assunto, mas sobre tudo, apresentar como uma espécie de ensaio sobre o tema abordado.

Foi com base em leitura de textos, tanto de autores clássicos, como modernos que o autor deste presente trabalho, descreveu de forma sucinta o aspecto social, dentro do mundo judeu em que o Evangelho de Mateus foi escrito, escrevendo de tal forma que pudesse reconstruir parte do pano-de-fundo da sua época.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, João Ferreira. **Bíblia Sagrada**, São Paulo:SBB,1993.

ARENS , Eduardo. **Ásia Menos nos Tempos de Paulo, Lucas e João: Aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento**, São Paulo: Paullus, 1997.

ARISTÓTELES. **A Política**, São Paulo: Martin Claret, 2007.

Bíblia de Jerusalém, - São Paulo: Paulus, 1985.

CARSON D. A.; DOUGLAS J. Moo; LEON Morris. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento**, São Paulo: Vida Nova, 2006.

CESAREIA, Eusébio de. **História Eclesiástica**, São Paulo: Novo Século, 2002

DANIEL-ROPS, Henri. **A Vida Diária nos Tempos de Jesus**, 2 ed. São Paulo:Edições Vida Nova,1999.

GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento**, São Paulo: Edições Vida Nova.

HALE , Broadus David. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento** – São Paulo: Hagnos, 1997.

JEREMIAS, Joaquim **Jerusalém no Tempo de Jesus: Pesquisas de História Econômico-Social no Período Neotestamentário**, São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

KELLER, Werler. **E a Bíblia Tinha Razão**, 24 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

LOHSE, Eduardo. **Contexto e Ambiente do Novo Testamento**, São Paulo: Edições Paulinas, 2000.

PACKER James; TENNEY, Merril C.; WILLIAM White Jr. **Vida Cotidiana nos Tempos Bíblicos**, FLÓRIDA: Editora Vida.

TENNEY, Merril C. **O Novo Testamento, Sua Origem e Análise**, Lisboa: Edições Vida Nova,1960.